

## #Tospelanara: o sofrimento como narrativa de si na era do instagram<sup>1</sup>

Maria Clara de Oliveira MARTINS<sup>2</sup>

Cristina TEIXEIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### RESUMO

Uma forte tendência do discurso contemporâneo sobre o sofrimento é o seu caráter transmidiático voltado para uma exposição não mais da intimidade, mas de uma *exitimidade*, como descrito por Sibilía (2008). A escrita de si mesmo adquire uma nova forma no ato de construção do eu para o compartilhamento. Assim, até mesmo os momentos que na modernidade poderiam ter a conotação do “privado”, como as dificuldades de uma batalha contra o câncer na UTI, passam a compor esse sistema de correspondências com o mundo - representado por cada post que é o elemento-chaves do relato audiovisual nas redes sociais como o Instagram. Para compreender melhor essa relação entre morte, sofrimento e redes sociais, a pesquisa utiliza aqui um estudo de caso da modelo e influenciadora digital brasileira Nara Almeida que faleceu em 2018 em decorrência de um câncer no estômago.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita de si; Câncer; Sofrimento; Instagram e Morte.

### INTRODUÇÃO

É a partir de uma perspectiva foucaultiana de “escrita de si”, como um fenômeno que muda suas configurações, mas se perpetua desde a Grécia antiga, que encontramos elucidaciones para o fenômeno das redes sociais no qual o compartilhar torna-se a regra para vida em sua totalidade. A obrigação do falar de si, que tem início cada vez mais cedo nas próprias contas do Instagram geridas pelo pais dos bebês, segue até o ponto em que os momento do sofrimento e

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), email: [mariaclaramartins1998@gmail.com](mailto:mariaclaramartins1998@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Drª. Cristina Teixeira Vieira de Melo do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, email: [cristinateixeiravm@gmail.com](mailto:cristinateixeiravm@gmail.com)

morte se tornam também fenômenos estetizados para veiculação como uma forma de exposição da *extimimidade* (Sibilia, 2008). Nessa constante busca de uma subjetividade escancarada, a reflexão sobre si exige cada dia mais uma descrição detalhada de um estado físico e mental. Aproximando-se de um modelo de correspondência constante sem um leitor determinado, mas definitivamente presente, representado pela massa de seguidores. Estudos, como o de Maia- Vasconcelos, Holanda e Braga, já apontam para esse aspecto confessional e catártico do post em uma análise específica da luta contra o câncer no âmbito do facebook:

Há uma consciência da escrita. A utilidade da escrita na vida desses neoautores [1] é sempre algo notificado por eles. Não é vista como algo que servirá apenas para eles, uma vez que estão tendo sua aprendizagem através da própria experiência e sim, para as outras pessoas, sejam aqueles que estejam passando por algo semelhante ou aqueles que se interessam por motivos outros que não a própria vivência. (MAIA- VASCONCELOS, HOLANDA, e BRAGA, 2014, p.3)

Numa perspectiva contrária ao roteiro de lidar com a morte de maneira interdita característico da modernidade, descrita por historiadores como Ariés e Elias, o uso dos meios digitais promovem uma relação de correspondência com o mundo. Partindo do princípio do sofrimento como mecanismo de compartilhamento, o presente trabalho busca entender qual tipo de “narrativa de si mesmo” diante da morte iminente emerge e de que modo o percurso de luta contra uma doença adquire uma estética específica no relato autobiográfico contemporâneo, composto pelas imagens, textos e vídeos do perfil do instagram de Nara Almeida. A modelo e influenciadora brasileira faleceu em março de 2018, em decorrência de um tumor raro no estômago e teve um aumento considerável no número de seguidores após usar a rede para relatar seu convívio com diagnóstico e tratamento. Assim como tantas outras histórias similares que usam as redes sociais como espaço para compartilhar os seus momentos, o discurso construído no perfil de Nara serve como estudo de caso, que estabelece uma relação com o padrão atual do relato do eu, marcado por uma visibilidade constante como apontado por Sibilia (2008):

Em meio ao crescente processo de globalização dos mercados, em uma sociedade, altamente midiaticizada, fascinada pela incitação à visibilidade e pelo império das celebridades, percebe-se um deslocamento daquela subjetividade interiorizada em direção a novas formas de autoconstrução. Construção de si orientada para o olhar alheio ou exteriorizadas, e não mais introspectivas ou intimistas (SIBILIA, 2008, p.23)

Parte-se, portanto, do modo como a própria jovem constrói seu discurso nesse espaço, sendo o seu exemplo um fator que elucida as dinâmicas de representação do sofrimento. A hipótese é de que a conexão estabelecida com os seguidores e o modo como constrói a si mesma traz ainda mais visibilidade para outros aspectos da sua própria vida, sendo uma narrativa construída muito mais em torno da ideia de superação mesmo nos momentos mais

terminais do que de uma própria aceitação da morte. A análise volta-se, portanto, a para o modo como os regimes de visibilidade operam sobre corpo enfermo, construindo numa negação da própria morte iminente.

### **#TodosPelaNara**

O caso da influenciadora digital Nara Almeida ficou famoso na mídia brasileira, gerando reportagens e comoção de celebridades e anônimos que passaram a acompanhar o seu perfil no Instagram na luta contra o câncer. Como divulgadora de moda, o perfil de Nara contava com quase 400 mil seguidores e hoje a conta, que ainda permanece ativa, tem um total 3,2 milhões de seguidores. Após anunciar o diagnóstico em um post do dia 08 de agosto de 2017, elarelata a surpresa com a identificação da doença rara e informa para comunidade de seguidores, que já a acompanhavam pelo seu trabalho com publicidade de roupas e maquiagem, que também pretende o usar o espaço para falar um pouco mais sobre si e do tratamento. Nessa primeira postagem de uma série de outras cuja o câncer é a temática principal, ela estabelece um compromisso com o público determinando que “prometo pra mim, pra minha família, pro meus amigos e pra vocês de que lutarei com todas as minhas forças pra vencer essa batalha da forma mais leve que existe, encaro tudo como uma grande aventura!” (ALMEIDA, Nara. Instagram.10 de agosto de 2017.)

A jovem na época com 23 anos, foi ganhando cada vez mais seguidores ao falar da trajetória, que se “reuniam” nas redes sociais em torno da hashtag #todospelanara. À medida em que as etapa mais complexas e dolorosas entram no relato, o caso torna-se ainda mais midiático e ela começa a receber incentivo via comentários por parte de celebridades (atores e jogadores de futebol). Em uma sessão dos destaques dos stories denominada *força*, ela compartilha o incentivo que tem recebido de amigos “anônimos” e famosos. A influenciadora recebe tamanha visibilidade que se torna tema de reportagens em programas da TV aberta como *O Hoje em dia*, na qual ela é convidada não apenas para falar do tratamento contra o câncer, mas também para trazer um relato de sua trajetória de vida, voltando atenção tanto para aspectos mais pessoais como profissionais. Dessa maneira, a relação com a mãe, que teria deixado a menina com os avós aos nove anos, o trabalho que se inicia desde cedo e a mudança de cidades para se estabelecer em São Paulo, juntamente com a aspecto romântico do namorado sempre ao seu lado, acabam gerando visibilidade para sua a vida a partir da morte iminente.

Quando em 2018 o quadro da doença se agrava e o tratamento não surte o efeito esperado, o espaço no Instagram também é uma maneira importante para monetizar o tratamento e a atenção dada ao caso se converte em doações. Algumas mais generosas, como a do jogador Alexandre Pato, permitem que ela prolongue sua vida por meio de tratamentos experimentais, sem se entregar aos cuidados paliativos que seriam a última forma de tratamento possível oferecido pelo Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (ICESP) no seu estado físico. Mesmo assim, todos os mecanismos usados para a manutenção da vida não foram suficientes e a jovem veio a falecer em maio de 2018. Sua morte gerou uma série de mensagens de comoção e um movimento de comentários em postagens anteriores por parte dos seguidores, que ainda continuam visitando sua página em um exercício de inspiração e nostalgia típico das linhas do tempo.

## **A NARRATIVA DE SI**

Com suas origens nas correspondências entre mestres e discípulos na Grécia antiga, passando pelo ato confessional cristão enfatizado por São Agostinho até os diários intimistas do século XVI, a noção de uma “escrita de si mesmo” como descrita por Foucault marcam diferentes períodos de uma relação com a subjetividade. Na genealogia ocidental da relação consigo mesmo, evidenciada pelas trocas de cartas, os relatos são permeados por uma necessidade de “cuidado de si” de uma relação de regulamentação estética rumo a uma vida digna, construída não para si, mas para o outro e para Pólis:

Na Antiguidade não havia um conhecimento de si e mesmo ancorado numa “hermenêutica de si” ou seja, na busca por uma revelação onde moraria a verdade sobre si, mas uma estética da existência ou seja uma construção de si a partir dos ensinamentos dos mestres aos discípulos. Havia sim uma interioridade entre os gregos, mas essa não era individualizada, reflexiva, ancorada em um eu. (FURTADO e SZAPIRO, 2018, p.4)

De um modo distinto, essa relação de uma introspecção nos moldes da ética cristã estabelece a relação com a culpa. Sendo o ato da confissão o ápice dessa relação consigo que tinha a salvação divina como máxima. Já no contexto do pensamento moderno, que desloca a centralidade do divino para razão humana, a prática melhor revelada nos diários íntimos e refletida também na literatura de um cunho realista e psicológico “o que ocorre a partir da modernidade é uma crescente afirmação de si e dos valores voltados a afirmação de si” (FURTADO e SZAPIRO, 2018, p.7)

No entanto, na transformação que marca a dita sociedade da espetacularização, na qual as linhas se tornam mais tênues entre uma esfera pública e privada como já analisado por Senett (1976), a ideia de um íntimo construído para o outro, o que autores como Sibilia vão chamar de uma *extimidade*, ganha força. Essa característica que marca as biografias das redes sociais também conversa aqui com uma noção de autenticidade voltada para a relação que se estabelece com o público de seguidores, que se fortifica proporcionalmente à quantidade de detalhes e a frequência com que aqueles que estão gerindo as páginas compartilham suas experiências. Existe, assim, uma demanda para que todo conteúdo veiculado seja uma performance o mais “completa” possível da vida em seus mais diversos aspectos.

A noção que se constrói é, portanto, voltada para uma lógica de gerenciamento de si. O narrar-se a si mesmo é, portanto, um exercício que encontra sua máxima numa noção neoliberal amplamente difundida no âmbito das redes sociais: o empreendedor. A figura protagonista do mundo contemporâneo que relata a busca de sucesso em todos os aspectos da sua vida, o que inclui a noção do lidar com as crises como elementos passageiros. Essa esperança é a constante crença em um devir, que a todo tempo busca ser presentificado superado o mais rápido possível.

O eu estrategista e movido pela lógica de adotar a melhor maneira de enfrentar o difícil se reflete também nos modos de lidar com o sofrimento seja ele de caráter físico ou psíquico. Afinal, “Já não suportamos mais a ideia do sofrimento como parte inexorável da condição humana. Ou, melhor dizendo não suportamos aquilo que o sofrimento pode nos revelar como limite ao prazer e a liberdade da condição humana” (FURTADO e SZAPIRO, 2018, p.15). Crises tornam-se, assim, correlatas com o próprio sofrimento físico, como no caso da luta contra uma doença:

Nesse contexto, cada indivíduo passa a gerir sua vida com o objetivo de adaptar valores vigentes, que incluem a expansão da lógica empresarial para todos os domínios da vida, na qual o indivíduo busca o máximo retorno de seus investimentos pessoais, se torna alguém com o espírito empreendedor e assume a responsabilidade de se tornar um gestor de si mesmo. Como consequência, sinaliza Szapiro. Vivemos hoje sobre a fórmula de autogestão da vida. E gerir significa apagar o conflito e apegar-lhe os efeitos em nome de um bom funcionamento e de uma melhor eficácia (FURTADO e SZAPIRO, 2018, p.15/16)

Se um controle ou pelo menos mecanismo de lidar com os empecilhos se aplicam para a vida, a lógica máxima da contemporaneidade empreendedora de si se estendem para uma gerência e uma estetização transmidiática mesmo do corpo enfermo que se aproxima

de uma morte. As imagens e posts fragmentários que tecem o caráter autobiográfico de hoje obedecem uma dinâmica do enfrentamento constante rumo a um estado de sucesso que segue roteiros específicos. Um vida que se volta para ser construída a nível audiovisual, “enquanto o eu se espelha nas personagens que transbordam das telas e se transformam inclusive num deles.” (SIBILIA, 2008, p.163).

## **DA MORTE INTERDITA À VISIBILIDADE DO SOFRIMENTO**

Em perspectivas de caráter históricos e antropológicos como apontados pelos estudos tanatológicos de Philippe Ariés ou de Norbert Elias, se a vivência com a morte era algo mais próximo na idade média, a modernidade rompe efetivamente com essa relação. Não afirmando que se lidava melhor com perdas, o que seria um outro nível de análise, a constância desse fenômeno nessas sociedades ocidentais do início da Idade Média fazem do morrer um aspecto muito mais corriqueiro, um acontecimento familiar. Uma relação que se modifica na virada da modernidade, caracterizada por colocar a própria noção de morte e do corpo moribundo, que nos remetem a nossa própria finitude, ao status de tabu. Como aponta Ariés, a discussão da morte “tão presente no passado, de tão familiar, vai apagar e desaparecer. Tornar-se vergonhosa e objeto de interdição” (ARIÉS, 1977, p.84).

Com os deslocamento contemporâneos, o que antes era tido como íntimo e interdito cria novos regimes de visibilidade que se estendem até mesmo para o âmbito da morte. Ao considerarmos a perspectiva de uma subjetividade que se alinha agora em função de um outro, é possível perceber essa nova organização se estendendo para todos os aspectos da existência.

É bem possível que as complexas transformações econômicas, políticas, sociais, culturais e tecnológicas que atravessamos hoje, estejam deslocando o eixo a partir do qual as subjetividades se consolidam. De modo que cabe nos perguntarmos sobre essa primazia da vida interior como fundamento da subjetividade, que – como vimos- desempenhava um papel fundamental na modernidade. Atualmente, a aparência e a visibilidade parecem reivindicar o estatuto do que cada um é. (FURTADO E SZAPIRO, 2018, p.19)

A construção de si perpassa, portanto, essa lógica do visível até mesmo para os aspectos mais íntimos como o sofrimento e mesmo o sofrimento com ameaça de morte. Que na verdade é mostrado no intuito de ser superado, faz parte do roteiro de um controle da vida, mas o efeito estético dessa elemento no jogo de escrita de si em um universo idílico, nega sua percepção como algo a ser vivenciado. O controle sobre o sofrimento encontra, assim, soluções na medicalização e manipulação, pois representa um obstáculo aos

imperativos da felicidade. Como apontado por Furtado e Szapiro em uma perspectiva psicanalítica freudiana sobre a cultura do bem-estar: “os efeitos da primazia da busca da melhor performance técnica sobre o mal-estar humano parece fazer um convite a não mais dá lugar a um trabalho sublimatório necessário sobre o sofrimento enquanto dimensão do humano, o supõe admiti-lo e integrá-lo a essa dimensão” ( FURTADO E SZAPIRO, 2018, p.19).

## A NARRATIVA DA HEROÍNA E O ENFRENTAMENTO DO MAL-ESTAR

Os momentos iniciais após o diagnóstico marcam a vida de Nara como uma heroína que deve vencer o câncer, um fator que parece ganhar respaldo diante de todos os avanços da medicina. A fase inicial da narrativa constrói um sentido sobre a imagem do corpo doente, ao mesmo tempo que discute o tema e fala sobre a finitude do ser, mas acaba negando ou diminuindo o poder de influência do tratamento sobre o cotidiano. Nesse sentido a estética traz um comparativo mais “higienizado” como um fruto de um processo estético no qual Nara seleciona os momentos de mais força para se retratar. No instagram, uma rede social marcada especialmente pela sua dimensão imagética, a presença da maquiagem junto com a sonda são um marco da sua forma de falar de si como alguém que leva uma vida normal mesmo diante da situação.

Fotografia 1



Fonte: Instagram de Nara Almeida ( 24 de novembro de 2017)

A validação de uma narrativa de continuidade pode ser evidenciada pela interação dos comentários nas postagens em mensagens como de uma seguidora do dia 07 de setembro de 2017 ao apontar que ela “Consegue ser linda mesmo com câncer.” ou “ você mesmo abatida daquele jeito continua linda por fora e por dentro nem se fala, sempre postando fotos naquela



situação difícil da sua vida sem precisar esconder o que você estava sentindo, sempre confiante e alegre, mas quando a bad vinha, você era sincera e falava sobre o que te fazia melhorar, falava sobre o que sentia.” Esse aspecto é reiterado pelos textos como nas postagens: “Resolvi que não vou parar de postar lookinhos para vocês, sempre que me sentir disposta, vou tentar fazer fotos para ocupar minha cabeça e inspirar vocês!!! Obrigada por serem tão gentis comigo e me encherem de amor todos os dias.” (ALMEIDA, Nara. Instagram. 28 de agosto de 2017) E “Já Já vamos tá rindo disso tudo né? E mesmo doente não deixo de fazer a plena (até porque não estou morta não é amores?) Com esse cabelinho que a @refrance fez. Tirei o aplique e coloquei uma coisa mais natural para aguentar essa pancada de medicamentos, enquanto não começa a cair.” (ALMEIDA, Nara. Instagram. 29 de agosto de 2017.)

Essa estética de uma normalidade diante e da permanência de sua atividade profissional, atinge um ponto máximo quando até mesmo aquilo que é um efeito colateral e sintomático ganha uma conotação positiva. Em um post sobre a perda de peso, Nara afirma que “a parte boa de está pesando 46 quilos (antes da doença pesava 55) é que nada fica vulgar! Acho incrível a capacidade que temos de ver algo bom em tudo. Foi difícil acostumar a perder peso, mas se tivesse ganhado seria pior né?” (ALMEIDA, Nara. Instagram, 5 de outubro de 2017). Mesmo o corpo de aparência doente é colocado, portanto em um espectro de superação por se aproximar de um ideal estético socialmente sedimentado.

A publicidade aqui desempenha um papel fundamental na medida que permite que a subsistência apesar da doença e o financiamento do tratamento. Portanto, boa parte das postagens até período posterior a primeira sessão de quimioterapia e suas consequências, o perfil trata da doença de um modo de continuidade de ciclo normal de vida que basicamente interfere o mínimo possível na realização das suas atividades cotidianas. E as postagens publicitárias, já características da narrativa do perfil, continuam predominantes. O discurso da vida de blogueira perpassa constantemente a fala sobre sua condição de doente: “Oi meninas tudo bom? Vou explicar um pouquinho sobre sonda” (ALMEIDA, Nara. Instagram. 03 de setembro de 2017). Nesse primeiro momento, portanto, como as etapas e as maiores complicações descritas ainda estavam por vir, a ideia é excluir ao máximo a relação com a doença.

## **AUTO-AJUDA COMO PRESCRIÇÃO PARA O SOFRIMENTO**



Em relatos detalhados de descrição do trauma que vive, o grupo de pessoas que a seguem constroem conjuntamente um espaço de caráter terapêutico, onde a narrativa também vai para o lado emocional. Ao nomear as sensações e compartilhá-las, Nara também estende o espaço do “cuidado de si”, já que recebe um feedback dos usuários. Em uma postagem do dia 14 de agosto de 2017 ela relata os efeitos depressivos da sua situação como fruto da medicação. Ao mesmo tempo que discute abertamente um aspecto íntimo da sua vivência e o reconhecimento da dificuldade, o valor testemunhal dessa narrativa vem atrelado a uma prescrição de como lidar com ela.

Ao dizer que só se deve permitir “ficar na bad às vezes”, mas que é preciso criar estratégias de contornar o mal-estar e por ser fruto da experiência, esse caráter prescritivo tem uma aura de autoridade. Em muitos casos, as indicações estão ligadas também a algum nível de consumo “outras vezes vou ver algo na netflix ou apenas fico no celular vendo alguma coisa nova para me distrair e tento esquecer isso tudo.” (ALMEIDA, Nara. Instagram. 14 de agosto de 2017.) O caráter dos textos se torna um prescritivo do bem lidar com o sofrimento como apontado por Furtado e SZAPIRO (2018, p.33) “os efeitos da primazia da busca da melhor performance técnica sobre o mal-estar humano parece fazer um convite e não mais dá lugar a um trabalho sublimatório do sofrimento enquanto dimensão do humano.” Enquanto que no primeiro momento esse sofrimento tem um caráter mais psíquico, as imagens se tornam mais intensas com a piora do quadro, que em todo caso é registrado compõe um efeito estético que reforça o valor de sua fala como alguém que vivencia diretamente essa experiência.

#### Fotografias 2 e 3



(14 de agosto de 2017 e 13 de abril de 2018)

Em meio a dor, a responsabilidade da gerência do mal-estar é colocada sobre o próprio indivíduo. O eu é centro do sofrimento, mas também da própria cura e precisa centrar-se em si mesmo em um constante processo de auto-ajuda. Ela sempre se coloca como um papel fundamental no lidar com o monstro do câncer “já disse e repito, não é fácil, mas tudo depende de você sabe? Tudo que precisamos é ter fé em algo, se você não acredita em nada, acredite em você” (ALMEIDA, Nara. Instagram. 28 de agosto de 2017.) Aqui ela assume a responsabilidade sobre o sucesso de si mesma para passar pelo momento ruim. Em uma postagem de dezembro de 2017, Nara afirma “vou vigiar meus pensamentos e minhas ações e fazer de tudo para depressão ir embora, Porque não sou eu, eu não sou assim, não aceito isso na minha vida” (ALMEIDA, Nara. Instagram. 04 de dezembro de 2017). Tal visão revela o aspecto da centralidade do eu como o elemento essencial para o gerenciamento da crise.

Na cultura das sensações e do espetáculo, o mal-estar tende a se situar no campo da performance, física ou mental, que falha, muito mais do que uma interioridade enigmática que causa estranheza e as receitas para eventuais falhas tampouco recomendam o antigo recurso à hermenêutica de si e a introspecção. Cada vez mais oferecem-se soluções técnicas afinadas com as explicações fisicalistas que somatizam a subjetividade” (SIBILIA, 2008, p.150)

Tudo caminha para a defesa da noção de que, mesmo a doença em estágios avançados, não existe uma preparação para a possível morte, nem mesmo em um sentido de cuidados paliativos. Na verdade, ela é apagada e negada na sua própria narrativa. A ideia de se mostrar até nos dias mais vulneráveis na UTI é um conto do enfrentamento. O formato do sofrimento que ela escolhe mostrar para o público é o de alguém que luta e não que está prestes a morrer. Ela hipervisibiliza sua vida sempre em um sentido da continuidade, um efeito de constante vitória sobre esse sofrimento. Algumas evidências imagéticas das questões prioritárias é o quanto o aumento de seguidores ainda é um motivo a ser celebrado até nos dias mais difíceis.

## **O LEITO DO HOSPITAL E A NEGAÇÃO DA MORTE**

A piora do quadro de saúde com as internações mais frequentes e quebra de expectativa nos efeitos do tratamento que não tem os resultados esperados, não são sinônimo da interrupção ou mesmo diminuição da frequência de postagens. Mesmo diante de quadro agravado, existe um comprometimento em manter os seguidores informados e vinculados ao cotidiano de sua trajetória. Esse vínculo é evidenciado nos textos em que a modelo aponta “Postando isso aqui, porque desde que resolvi mostrar minha história muita gente se preocupa comigo e espera todos os dias por notícia.” (ALMEIDA, Nara. Instagram. 2017) A periodicidade constante das informações sobre o seu estado físico vai se tornando cada vez mais detalhada, incluindo

mesmo aspectos mais técnicos em stories no qual ela fala da eficácia e o tipo de medicamento que vem usando.

A dimensão psicológica e emocional é a mais frequente e é a que mais gera comoção e interação por parte dos público. É também ali que Nara encontra um espaço terapêutico ao compartilhar os dias mais difíceis “Hoje foi um dia triste para mim recebi muitas notícias ruins e duras de ouvir foi como se tivesse atravessado uma bala no meu peito, senti o gosto amargo de estar perdendo a vida” (ALMEIDA, Nara. Instagram.11 de novembro de 2017). Mesmo assim, é também uma previsão do ficar bem apesar de tudo e no mesmo post no qual ela se refere às previsões menos otimistas dos médicos, ela diz: “É apenas uma fase”, já que o sofrimento deve ser sempre limitado em uma sociedade na qual “Não deve haver espaço na vida desse gestor de si para o sofrimento, a não ser a exortação da sua superação rápida e imediata. O que se espera de todos nós é a avidez da ação e a capacidade de superação” (FURTADO e SZAPIRO,2018, p.16).

A certeza de uma possível cura, mesmo diante de tratamentos considerados já de caráter experimental, revela a negação de uma morte próxima. Não existe, portanto uma preparação para morte, que é fruto de uma própria tendência midiática quando fala do câncer ao associá-lo a batalha com grandes chances de ser vencida e “o que antes era coerente com o sentimento geral, associando o câncer a morte, receberia hoje um enfoque menos fatalista, mais questionador e esperançosos” (CASTRO, 2009, p. 46). Essa expectativa no devir é, inclusive evidenciada na própria publicidade da página na qual mesmo, sofrendo com a alimentação restrita pelo uso da sonda no presente, ela cita o restaurante que pretende frequentar na sua melhora futura. Na publicação com um biscoito na boca ela diz “Ainda não consigo comer nada, mas se pudesse com certeza, estaria comendo tudo aqui (nome do restaurante)!” (ALMEIDA, Nara. Instagram.11 de outubro de 2017.)

Alguns elementos não podem ser ignorados a respeito das particularidades que essa narrativa traz e que ajudam a explicar a comoção que provoca. A ameaça de morte enfrentada por Nara enquadraram sua vida como uma perda que é sentida pela sociedade, é passível de luto, porque existe aqui uma ruptura no curso de vida de uma pessoa jovem. Além disso, a doença por ser tratada no discurso médico como um caso raro, a retirada de um espectro de culpabilização moralizador que recai, por exemplo sobre fumantes que desenvolve câncer de pulmão. Esses fatores alimentam ainda mais o efeito estético de sua trajetória, que chega a ser comparada pelos próprios seguidores a histórias da ficção. Em um post do dia 28 de dezembro

de 2017, um seguidor conta que “Sua história parece aquela de a culpa é das estrelas”, um best- seller que acabou se transformando em filme que narra a trajetória de um casal com câncer. Comentários que chegam a ser reforçada em fóruns e outros sites, criando até mesmo um teor imagético para comparação.

Fotografia 4



Fonte: Caras Digital (21 de maio de 2018)

Reforçando a ideia da valorização da narrativa com aspectos do audiovisual, cresce o aspecto de identificação. Uma explicação do próprio comportamento contemporâneo no qual “em nosso espetacularizado século XXI, o jogo de espelhos complica-se inexoravelmente. Em vez de reconhecer na ficção da tela ou da folha impressa um reflexo da nossa vida real, cada vez mais avaliamos, segundo o grau que ela satisfaz as narrativas criadas pelo cinema” (SIBILIA, 2018, p.80).

Nessa perspectiva de uma narrativa da morte contemporânea, o que se conta aqui não é a história de um corpo moribundo. Um diálogo voltado para questão do morrer, que para determinados tipos de corpos sociais como o de Nara ainda é um tabu. Portanto, a história contada é do culto à superação que é constantemente reeditada na era da internet.

No modelo básico tanto do blog quanto das redes sociais na internet, porém, a morte não parece estar presente. Exceto quando ela irrompe sem explicação possível. O eu de repente morre e, portanto, para de falar e de postar selfies; os outros então reagem com estupefação e fazem intervenção que permaneceram sem resposta. Pois não é o fluir de uma experiência sem resposta. Pois é o fluir de uma experiência tragicamente marcada por seu próprio fim e que se costuma mostrar nas telas interconectadas da atualidade, mas apenas uma sucessão de instantes que de repente acabam.” (Idem, p.188)

A relação de descontinuidade marcam o contrastes do último post feito por Nara que afirma que “Agora vamos torcer para esse medicamento fazer um efeito maravilhoso e eu me livrar dessa doença e acabar com esse sofrimento”. Como ao longo de todo o perfil uma noção de possível superação de um “Enfim estou muito confiante, cheia de esperança e gratidão a

Deus e a todos que me apoiam e acreditam na minha recuperação.” (ALMEIDA, Nara. Instagram. 24 de abril de 2018.) O post seguinte, o último do perfil, já não é feito por Nara, em um contraste abrupto para quem vinha acompanhando sua trajetória.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em um mundo no qual a existência dos acontecimentos é pensada na lógica do compartilhamento até as narrativas de sofrimento são marcadas por efeitos estéticos. A vida em rede pensada para o outro, faz de cada perfil uma escrita de si em uma correspondência constante de visibilidade com o outro. Para entrar na estética dos idílicos feeds até mesmo o sofrimento ganha nova estética. O caso analisado aqui faz parte de uma série similar do tratamento do câncer na mídia, no qual celebridades e outros influenciadores usam os espaços para escrever sobre si mesmo, descrever os percalços da dor em perspectiva de superação.

A tendência em termos do otimismo desse tratamento, que exige toda a carga bélica de forças por parte do indivíduo, chega a ser tão forte especialmente em um contexto político, cultural e religioso como o brasileiro (e latino americano de um modo geral) que, qualquer outra forma de representação ou proposta de debate contra a lógica da superação é rechaçada. Ainda em 2018, um post veiculado pelo Twitter, no Chile, de uma mãe com a filha que pede eutanásia para uma doença degenerativa ainda não diagnosticada, rompe com a ideia do imperativo da superação e de negação da morte característicos das redes. No entanto, essa situação não gera o mesmo nível ou tipo de identificação e apoio que alguém que escolhe o percurso dessa luta heroica. Obviamente, em ambos a relação com a morte, que mais especificamente nesta parte do mundo é relacionada a uma visão moralizadora da vida como um bem, recaí de modos completamente opostos nos dois casos.

Seguindo a tendência dos imperativos de felicidade contemporânea na busca minimizar o sofrimento e acima de tudo enfrentá-lo. Transfere-se cada vez mais um discurso da nossa própria responsabilidade se não em relação à origem da doença, que neste caso não envolve Nara detentora de um estilo de vida considerado saudável, pelo menos a otimizar o processo de cura rumo a ideia de equilíbrio físico e psíquico. Caberia, portanto, a cada um se manter o mais ativo possível diante da doenças em seus mais diversos níveis de gravidade. O corpo enfermo que encontramos nas autobiografias das redes sociais, por mais que se mostre identificável em nível estético, como com o ambiente hospitalar e a perda de peso no caso aqui analisado, é

apresentado nos moldes de um roteiro cinematográfico, recebendo mais ou menos apoio à medida em que compactua com padrões de comportamento valorizados pela sociedade em rede.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA.Nara.*Hoje começa uma nova fase na minha luta contra o câncer. Finalmente vou tomar a primeira dose de imunoterapia!!* São Paulo. 24 de abril de 2018. Instagram: @almeidanara. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bh9sqcOhoS7/>

ALMEIDA.Nara.*Esses últimos dias foram mt difíceis, tive uma reação alérgica aos medicamentos.* São Paulo. 13 de abril de 2018. Instagram: @almeidanara. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bhgfk7LgXBO/>

ALMEIDA.Nara.*Vou usar essa foto pra falar sobre a DEPRESSÃO. Com o tratamento eu tomo medicação que causa muita depressão.* São Paulo. 04 de dezembro de 2017. Instagram: @almeidanara. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/BcRAOCIA\\_G9/](https://www.instagram.com/p/BcRAOCIA_G9/)

ALMEIDA.Nara. *Agora somos 1 milhão! Muito obrigadaaaa.* São Paulo. 13 de novembro de 2017. Instagram: @almeidanara. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BbceTONAMAg/>

ALMEIDA.Nara.*Hoje foi um dia triste pramim recebi muitas notícias ruim e duras de se ouvir...foi como se tivesse atravessado uma bala no meu peito.* São Paulo. 12 de novembro de 2017. Instagram: @almeidanara. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BbYMxEJgivG/>

ALMEIDA.Nara.*Comemorando as BOAS notícias sobre o tratamento! Ainda não consigo comer nada.* São Paulo. 11 de outubro de 2017. Instagram: @almeidanara. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BalTd6EHc84/>

ALMEIDA.Nara. *A parte boa de tá pesando 46 quilos (antes da doença pesava 55) é que nada fica vulgar!* São Paulo. 05 de outubro de 2017. Instagram: @almeidanara. Disponível em: <https://www.instagram.com/almeidanara/?hl=pt-br>

ALMEIDA.Nara. *Oi meninas, tudo bom? Vou explicar um pouquinho sobre a sonda! São Paulo.* 05 de outubro de 2017. São Paulo. 03 de setembro de 2017. Instagram: @almeidanara. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BYlhR83ggVV/>



ALMEIDA, Nara. *Miglees tô felizinha demais com as notícias que recebi hoje! Pra quem quer saber tudo corre no stories que gravei mt coisa!*. São Paulo. 29 de agosto de 2017. Instagram: @almeidanara. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BYZDq5AgHOM/>

ALMEIDA, Nara. *Que nossa semana seja cheias de supressas boas! Resolvi que não vou parar de postar "lookinhos" pra vocês.* São Paulo. 28 de agosto de 2017. Instagram: @almeidanara. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BYWYU-og3gQ/>

ALMEIDA, Nara. *Tudo bem ficar na Bad, sabe? tudo bem chorar, tudo bem questionar, tudo bem gritar, tudo bem não entender.* São Paulo. 14 de agosto de 2017. Instagram: @almeidanara. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BXx4gr9gcPj/>

ALMEIDA, Nara. *08/08/2017 o dia mais doido de todo minha vida, dia que recebi o diagnóstico de que tinha um câncer no estômago.* São Paulo. 10 de agosto de 2017. Instagram: @almeidanara. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BXmXtptAmzQ/>

ARIÈS, Philippe. *A História da morte no Ocidente: Da idade Média aos nossos dias*. Tradução : Priscila Viana. Rio de Janeiro; Nova Fronteira; 2012;

ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CLARK, Luciana Gontijo de Oliveira. *O Câncer nas capas da Veja: Embasamento científico das reportagens*. Campinas; 2013.

FURTADO, Mariama Augusto e SZAPIRO, Ana Maria. *Escrita de si e interioridade: deslocamentos na relação com o sofrimento na contemporaneidade*. Psicologia clínica. [online]. 2018, vol.30, n.1, pp. 15-36.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra Farias, HOLANDA, Samuel Freitas e BRAGA, Mayara Rodrigues. *Autonarrativas em redes sociais: a relação discursiva na vivência de situação traumática*. Revista Científica On-line Tecnologia – Gestão – Humanismo, 2014, v.3, n.1

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2008.